471. Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la unicamente a uma disposição física?

*“É quase sempre efeito das comunicações em que inconscientemente entrais com os Espíritos, ou da que com eles tivestes durante o sono.”*

Nessa pergunta Kardec questiona a Espiritualidade sobre sensações que todos nós já experimentamos em algum momento de nossas vidas. Trata-se daqueles momentos em que somos tomados ou por sentimentos mais tristes - tais como aflição, angústia ou inquietude - ou por um sentimento de satisfação, mas não conseguimos identificar com precisão a origem de tais sentimentos.

Kardec pergunta se esses sentimentos têm origem exclusivamente no corpo físico.

E a Espiritualidade responde que, na grande maioria das vezes, essas sensações são resultado das comunicações que estabelecemos de maneira inconsciente com os Espíritos, incluindo aquelas que ocorrem durante o sono físico.

Vale lembrar que nós não estamos impedidos de nos comunicarmos com os Espíritos quando estamos no estado de vigília, ou seja, quando estamos acordados. No entanto, essa comunicação é bem mais difícil porque as preocupações e cuidados que precisamos ter estando acordados tornam muito mais difícil a sintonia com os Espíritos. Portanto, é natural que a grande maioria das comunicações que estabelecemos com os Espíritos aconteça durante o sono do corpo físico.

Na questão 402 Kardec pergunta à Espiritualidade por qual razão nós não guardamos impressões exatas das experiências que tivemos durante o repouso do corpo físico. A Espiritualidade responde que é porque as sensações que experimentamos durante o sonho não chegaram até nós por intermédio dos órgãos físicos e por esse motivo, nossa aparelhagem não consegue registrar com precisão as experiências que vivemos como Espírito.

Da mesma forma como muitas vezes os sonhos nos parecem absurdos, ilógicos e sem nenhum fundamento, as sensações de angústia, aflição ou mesmo de satisfação são o resultado da incapacidade da nossa aparelhagem física de registrar as experiências que tivemos durante o sono físico.

É interessante essa explicação da Espiritualidade porque, de fato, muitas vezes nós já acordamos angustiados, aflitos ou tomados por uma alegria que não sabemos de onde veio. Aquele sentimento nos acompanha durante todo o dia e nós não encontramos explicação para ele.

Na resposta dada a Kardec, a Espiritualidade diz ainda que, nos encontros que temos com os Espíritos e que deixam em nós essas sensações de aflição, angústia e alegria, essas comunicações se dão de maneira inconsciente.

Quantas vezes um amigo, um familiar entra em contato conosco pouco tempo depois de termos pensado naquela pessoa? Ou alguém entra em contato conosco para nos dar notícias, boas ou más, a respeito daquela pessoa em quem estávamos pensando.

Aquele sentimento de tristeza ou aflição é uma espécie de premonição de algo ruim ou triste que acontecerá com alguém querido por mim. De maneira semelhante, posso experimentar antecipadamente a alegria por algo de bom que vai acontecer a outra pessoa ou a mim mesmo.

Resumindo: não são as disposições físicas que causam esses sentimentos. Eles são o resultado das experiências que vivemos como Espírito, seja durante o repouso físico, seja no estado de vigília.

472. Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las?

*“Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penseis tenham sido os Espíritos que a trouxeram para ali, mas eles podem inspirar ao homem a ideia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.”*

Kardec pergunta à Espiritualidade se os Espíritos que tentam nos induzir ao mal somente utilizam as circunstâncias à nossa volta para essa indução ou eles podem também criar situações para isso.

A Espiritualidade responde que eles fazem as duas coisas. Em geral eles se utilizam das situações à nossa volta. Porém, podem também criá-las de maneira que nos encontremos diante daquilo que despertam a cobiça em nós.

Em outras palavras: esses Espíritos podem, mesmo contra a nossa vontade, nos levar a situações onde estaremos diante de algo que desperte nossos vícios, nossas más inclinações.

A Espiritualidade dá um exemplo a Kardec: um homem que seja ganancioso pode ser induzidos pelos Espíritos que desejam sua queda a tomar um caminho no qual ele encontrará uma quantia em dinheiro. Sendo uma pessoa gananciosa, aquele homem ficará tentado a levar consigo o dinheiro em vez de tentar localizar a pessoa que o perdeu e devolver o dinheiro a ela.

Não foram os Espíritos que transportaram o dinheiro até o lugar onde aquele homem ganancioso estava. Eles sabiam da localização do dinheiro e induziram o homem a ir em direção àquela localização para que ele se visse tentando a recolher para si a quantia.

Esse exemplo dado pela Espiritualidade deixa bem claro o quanto somos vulneráveis às más influências, dado que carregamos inúmeras imperfeições. Existe uma infinidade de situações do nosso dia a dia nas quais podemos ser colocados diante de nossas tentações.

Não podemos nos esquecer de que somos tentados apenas em nossos vícios e más inclinações.

Lá em Mateus 4:1-11 está escrito que logo após ser batizado por João Batista no rio Jordão, Jesus é conduzido pelo Espírito Santo ao deserto, onde passa 40 dias e 40 noites em jejum. Nesse tempo de preparação, o diabo vem tentar Jesus em três ocasiões: primeiro, a transformar pedras em pão para saciar a fome; depois, a lançar-se do ponto mais alto do templo para provar a proteção de Deus; e, por fim, a receber todos os reinos do mundo em troca de adoração a Satanás — mas em todas respondeu com a Palavra de Deus, reafirmando sua fidelidade somente ao Pai.

Claro que isso é uma simbologia, mas ainda que fosse verdade, o diabo ou quem quer que represente o diabo, passaria toda a eternidade ali oferecendo a Jesus coisas que não despertariam no Mestre o menor interesse. Jesus venceu o mundo; não há absolutamente nada aqui que represente um desejo de conquista do Mestre.

Não é esse o nosso caso. Portanto, o que a Espiritualidade disse na resposta a Kardec é de grande importância para nós. Sabemos de nossas fraquezas, sabemos daquilo que desperta em nós desejos e sensações das quais queremos nos livrar.

Portanto, o esforço que empreendemos para vencer nossas más inclinações é fundamental para nos livrar do mal e promover nossa evolução espiritual.

**Possessos**

473. Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo?

*“O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar com ele. O encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material.”*

Kardec pergunta o seguinte: é possível a um Espírito desencarnado apropriar-se temporariamente do corpo de um Espírito encarnado e utilizar aquele corpo como se fosse seu? Em outras palavras: pode um Espírito desencarnado entrar no corpo de uma pessoa e usar aquele corpo conforme deseja, anulando totalmente as ações do Espírito encarnado?

A resposta da Espiritualidade é categórica: não, isso não é possível. Um Espírito não pode tomar um corpo que não seja o seu, ainda que temporariamente, como alguém que entra em uma casa ou em um carro. O que acontece na verdade é que os dois Espíritos estabelecem uma sintonia baseada nos defeitos e qualidades comuns a ambos os Espíritos. O objetivo dessa sintonia é que, através dela, o Espírito desencarnado transmita ao Espírito encarnado - dono daquele corpo, vamos dizer assim - suas vontades e esse - o Espírito encarnado - atua sobre o corpo físico conforme as instruções do Espírito desencarnado.

Digamos então que eu crio sintonia com um Espírito desencarnado qualquer. Eu e esse Espírito temos gostos e tendências muito semelhantes. Esse Espírito quer utilizar o meu corpo para realizar alguma ação. Como nós já estamos sintonizados, ele transmite a mim suas vontades e eu, atuando sobre meu corpo físico, realizo as ações que aquele Espírito deseja.

Mas tem um ponto importantíssimo na resposta dada a Kardec: a Espiritualidade diz "*O encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido".* Conforme quer. Isso significa que, por maior seja a sintonia estabelecida entre os dois Espíritos, a vontade do Encarnado sempre prevalece.

A Espiritualidade conclui a resposta dizendo que não é possível que um Espírito não pode substituir outro no uso da aparelhagem física porque essa substituição exigiria o completo rompimento dos laços do Espírito encarnado com o corpo, coisa que só se sucede por ocasião da morte.

As explicações que a Espiritualidade dá a Kardec nessa pergunta são o princípio básico da mediunidade. Diga-se de passsagem, quem não é espírita ou quem é, mas não estuda, pensa que os fenômenos mediúnicos ocorrem com o Espírito do médium abandonando completamente o corpo para que o Espírito comunicante se utilize dele ao bel prazer.

Se assim fosse, não haveria nenhuma necessidade de sintonia entre médium e Espírito, já que o médium apenas emprestaria seu corpo ao Espírito comunicante.

E a realidade é completamente diferente: às vezes são necessários anos de preparação para que um médium possa servir de instrumento a um determinado Espírito.

474. Desde que não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de a sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada?

*“Sem dúvida e são esses os verdadeiros possessos, mas é preciso saibas que essa dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre o consinta, quer por sua fraqueza, quer por desejá-la. Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possessos.”*

O vocábulo possesso, na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo. Pois que, nesse sentido, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos na conformidade da ideia a que esta palavra se acha associada. O termo possesso só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.

Bom, já que na resposta anterior a Espiritualidade esclareceu que não existe a posse completa do corpo físico por um Espírito desencarnado, Kardec quer saber se há casos em que o Espírito encarnado se encontre de tal maneira subordinado ao Espírito desencarnado, que sua vontade - no caso, a do Espírito encarnado - seja anulada.

A Espiritualidade responde que não há dúvidas quanto a isso, mas enfatiza uma vez mais que essa subjugação nunca acontece sem o consentimento ou a vontade do Espírito encarnado. Portanto, a possessão, conforme explicada pela Espiritualidade, só ocorre se o Espírito encarnado a permitir.

Diz ainda a Espiritualidade que muitos casos de loucura e epilepsia são interpretados equivocadamente como possessão e que não é de exorcistas que tais pessoas precisam; elas precisam de médicos. Ou seja: problemas de origem neurológica eram tratados como sendo de origem espiritual.

Na nota que Kardec adicionou à resposta da Espiritualidade, ele esclarece que a possessão não existe considerando o sentido mais popular que se dá à essa palavra. Isso porque ela pressupõe a existência de demônios e a capacidade do demônio coabitar o corpo físico do possesso.

A inexistência de demônios como seres à parte na criação e rivais diretos de Deus já foi provada em questões anteriores aqui mesmo em O Livro dos Espíritos. A impossibilidade de dois Espíritos habitarem o mesmo corpo físico foi demonstrada nas perguntas que acabamos de ler.

Portanto, na acepção mais comum do seu significado, a possessão simplesmente não existe.

Kardec esclarece então que o termo possesso só deve ser empregado para descrever os casos em que o Espírito encarnado encontra-se em total dependência de um ou mais Espíritos imperfeitos que o subjuguem.

Sobre esse grau de subordinação ao qual um Espírito se submete, Kardec vai nos esclarecer detalhadamente lá na segunda parte de O Livro dos Médiuns, no capítulo XXIII intitulado "Da obsessão" onde ele fala da obsessão simples, da fascinação e da subjugação.

475. Pode alguém por si mesmo afastar os maus Espíritos e libertar-se da dominação deles?

*“Sempre é possível, a quem quer que seja, subtrair-se a um jugo, desde que com vontade firme o queira.”*

A pergunta de Kardec é bem direta: pode o homem por si só, libertar-se da má influência e da dominação que os maus Espíritos porventura exerçam sobre ele?

Podemos nós mesmos romper os laços que nos unem a Espíritos inferiores ou isso só se alcança com o auxílio e a intervenção de outros?

Responde a Espiritualidade que é perfeitamente possível esse rompimento por nós mesmos, mas isso exige nossa vontade firme.

Anteriormente a Espiritualidade nos disse que a possessão só se dá pela vontade e permissão do Espírito encarnado. Se essa vontade permite a criação dos laços com Espíritos inferiores, é ela também que permite o rompimento desses laços.

Entretanto, é preciso levar em conta o nível da subjugação ao qual o Espírito encarnado se encontra. Quanto mais subordinado ele estiver aos Espíritos inferiores, mais difícil se torna para ele libertar-se sozinho dessa subordinação.

Nos casos mais graves faz-se necessária a intervenção de Espíritos superiores, pois o Espírito encarnado não encontra em si mesmo a força necessária para se ver livre da influência que sofre e que ele próprio permitiu que se estabelecesse.

476. Pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja de tal ordem que o subjugado não a perceba? Sendo assim, poderá uma terceira pessoa fazer que cesse a sujeição da outra? E, nesse caso, qual

deve ser a condição dessa terceira pessoa?

*“Sendo ela um homem de bem, a sua vontade poderá ter eficácia, desde que apele para o concurso dos bons Espíritos, porque, quanto mais digna for a pessoa, tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons, para os atrair. Todavia, nada poderá, se o que estiver subjugado não lhe prestar o seu concurso. Há pessoas a quem agrada uma dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos. Qualquer, porém, que seja o caso, aquele que não tiver puro o coração nenhuma influência exercerá. Os bons Espíritos não lhe atendem ao chamado e os maus não o temem.”*

Nessa pergunta Kardec fez 3 questionamentos à Espiritualidade:

* pode a fascinação ser tão forte que o fascinado não compreenda que se encontra em tal situação?
* se assim for, poderia uma terceira pessoa intervir de maneira a interromper a fascinação?
* sendo isso possível, qual deve ser a condição do intercessor?

A Espiritualidade respondeu "sim" de maneira implícita para os 2 primeiros questionamentos porque na resposta dada à Kardec, ela já fala sobre a condição que o intercessor deve ter para auxiliar o fascinado de maneira eficaz e eficiente.

Antes de discutirmos a resposta da Espiritualidade, vamos analisar o que Kardec nos fala sobre a fascinação lá em O Livro dos Médiuns. Eu particularmente, não gosto de usar referências externas aqui nos nossos estudos de O Livro dos Espíritos porque o conteúdo já é riquíssimo, mas nesse caso a referência a O Livro dos Médiuns vai ser de grande valia.

Embora lá Kardec esteja falando dos efeitos da fascinação nos médiuns, a forma como ela se estabelece e suas consequências são praticamente as mesmas em qualquer pessoa, médium ou não.

A fascinação é o segundo dos três tipos de obessão dos quais Kardec fala. Ela é muito perigosa porque a pessoa fascinada - como o próprio termo já indica - perde a capacidade de compreender que se encontra sob uma influência negativa e maléfica.

Foi exatamente esse o primeiro dos questionamentos que Kardec fez nessa pergunta 476 que estamos estudando: pode a fascinação ser tão grande que o subjugado não consiga reconhecer sua condição?

O fascinado acredita estar sob a tutela de um Espírito elevado, sábio, evoluído. Não consegue compreender que está sendo enganado. Na mente do fascinado, não há nada de errado com a influência que ele vem recebendo.

Kardec diz não são apenas as pessoas simples e de pouca instrução que estão sujeitas à fascinação. Os mais instruídos e sábios nas ciências humanas são igualmente suscetíveis de se tornarem fascinados.

Uma das consequências da fascinação é que o subjugado torna-se uma espécie de fantoche nas mãos do Espírito fascinador; o subjugado se deixa conduzir de qualquer maneira, passa a aceitar as ideias mais absurdas como se fossem a mais pura verdade.

Outra coisa que Kardec nos diz é que o Espírito que deseja enganar precisa ser ardiloso e hipócrita, ocultando-se sob aparência de virtude. Usa termos elevados como caridade e humildade para conquistar confiança. Apesar disso, deixa transparecer sinais de inferioridade que apenas os fascinados não percebem. Por temer os esclarecidos, procura afastar o intérprete de quem poderia revelar-lhe a fraude.

Bom, apresentado esse breve resumo do que Kardec nos fala sobre a fascinação em O Livro dos Médiuns, retornemos à resposta da Espiritualidade na pergunta 476.

Posto então que a fascinação pode tornar o subjugado incapaz de compreender sua subordinação e que é possível - e até mesmo necessário - que uma terceira pessoa interceda em benefício do fascinado, quais seriam então as condições necessárias a essa terceira pessoa para que ela tenha sucesso no auxílio que deseja prestar?

A primeira condição que a Espiritualidade apresenta é que seja uma pessoa de bem. A segunda condição é que essa pessoa precisa estar imbuída de um desejo sincero de auxiliar o fascinado. A terceira condição é que ela recorra ao auxílio dos bons Espíritos.

Portanto, mesmo uma pessoa de bem, com sincero desejo de auxiliar, não conseguirá realizar o trabalho sem o concurso dos bons Espíritos.

A Espiritualidade explica que uma pessoa portadora dessas condições morais terá tanto a capacidade de atrair os bons Espíritos quanto de afastar os maus.

Entretanto, a Espiritualidade diz que de nada adiantam as condições daquele que quer ajudar se o subjugado não quiser ser ajudado. Por mais estranho que possa parecer, muitas vezes o subjugado se compraz na subordinação.

Isso porque o Espírito fascinador "amacia o ego" do subjugado, lisonjeia seus gostos e desejos. O subjugado sente-se bem ao ser tratado assim e dessa forma não deseja, de fato, se ver livre daquele domínio.

A Espiritualidade conclui dizendo que, independente do subjugado querer ser ajudado ou não, se a pessoa que pretende auxiliar não for boa de coração, nada poderá fazer pois, os bons Espíritos não lhe atendem ao chamado e os maus não a temem.

477. As fórmulas de exorcismo têm qualquer eficácia sobre os maus Espíritos?

*“Não. Estes últimos riem e se obstinam, quando veem alguém tomar isso a sério.*

Embora a maioria das tradições religiosas que praticam rituais de expulsão de espíritos ou forças negativas se utilize de fórmulas, palavras repetidas ou orações fixas, o termo exorcismo é mais utilizado nas igrejas católica e ortodoxa.

É sobre a eficácia desse ritual que Kardec pergunta à Espiritualidade; essas fórmulas funcionam? Elas têm mesmo a capacidade de repelir os maus Espíritos?

A Espiritualidade responde que, não apenas as fórmulas não funcionam como também os Espíritos maus chegam a rir e se mantêm irredutíveis diante desses rituais.

O Espiritismo nos ensina que as palavras, quando não são carregadas de sentimentos verdadeiros, nada valem. Se é assim na prece, não haveria de ser diferente ao lidarmos com Espíritos inferiores.

Na resposta da pergunta anterior a Espiritualidade nos disse que mesmo uma pessoa boa, se não estiver movida pelo desejo sincero de auxiliar e sem o auxílio dos bons Espíritos, não consegue livrar uma pessoa da fascinação.

Portanto, afastar um Espírito ruim de sua influência contra uma pessoa, não é possível com a mera repetição de palavras e a realização de rituais repetitivos.

478. Pessoas há, animadas de boas intenções e que, nada obstante, não deixam de ser obsidiadas. Qual, então, o melhor meio de nos livrarmos dos Espíritos obsessores?

*“Cansar-lhes a paciência, nenhum valor lhes dar às sugestões, mostrar-lhes que perdem o tempo. Vendo que nada conseguem, afastam-se.*

Continuar desse ponto.

Embora a maioria das tradições religiosas que praticam rituais de expulsão de espíritos ou forças negativas se utilize de fórmulas, palavras repetidas ou orações fixas, o termo exorcismo é mais utilizado nas igrejas católica e ortodoxa.